

Mistério das coisas vivas

Há conhecimentos que se transmitem pela observação dos pássaros, pela escuta do vento, pelo manejo da terra, pelo acompanhamento das mutações da luz. Conhecimentos que não se acumulam como informação, mas se sedimentam na experiência, no corpo e nas relações que sustentam a vida e seus mistérios.

Ao longo do ciclo de residência artística do Instituto MECA, realizado entre 2025 e 2026, os artistas Ana V. Lopes, Anna Livia Taborda Monahan, Caio Pacela, Julia Gallo, Mayra Carvalho e Yaka Huni Kuin, reunindo seus trabalhos, constituem um campo de relações entre seres, materialidades, memórias e cosmologias. A exposição 'Mistério das coisas vivas' emerge de questionamentos e inquietações que movimentam cada um desses artistas em seus processos de pesquisa a se questionarem sobre as coisas que ainda não possuem linguagem.

Pássaros, peixes, ovos, caranguejos, baleias, rios, terras, vísceras, grafismos, máquinas, ventos e horizontes aparecem como formas de pensamento que desafiam divisões entre humano e não humano, matéria e espírito, ciência e encantamento. A exposição ocupa esse território fronteiriço: entre o visível e o invisível, entre o sonho e a vigília, entre corpos distintos, entre formas de conhecimento que a modernidade frequentemente insistiu em separar.

Em *Borderlands/La Frontera*, Gloria Anzaldúa descreve a fronteira como um lugar de transformação contínua, uma região onde múltiplos mundos coexistem sem precisar se reconciliar em uma única verdade. Como escreve a autora, "As fronteiras estão fisicamente presentes onde duas ou mais culturas se encontram"¹ A fronteira não se torna um limite, passa a constituir uma zona de contato, fricção e criação.

A Ilha da Conceição, a Baía de Guanabara, os estaleiros de Niterói, os rios da floresta acreana e os territórios percorridos pelos artistas também formam uma cartografia afetiva onde geografias distintas permanecem conectadas. Em vez de localizar identidades fixas, essas paisagens revelam percursos, encontros e transformações contínuas.

O horizonte imposto pela presença da Baía de Guanabara, visível nos trajetos e nas janelas dos ateliês do Instituto MECA e desse museu, atravessa a exposição como uma presença insistente. Céus observados ao amanhecer ou ao entardecer, mutações da luz, pássaros em voo e estados atmosféricos revelam uma temporalidade expandida. O horizonte deixa de funcionar como linha de separação para tornar-se uma superfície de imaginação, um espaço onde a percepção se desloca para além daquilo que pode ser imediatamente nomeado.

As materialidades presentes nesta exposição — carvão, café, cera encaústica, aço, palha de buriti, argila, pigmentos e terras coletadas — são atravessadas por histórias, deslocamentos, afetos e temporalidades. Essa aproximação encontra ressonância na reflexão da intelectual maia k'iche' Gladys Tzul Tzul, para quem a vida é sustentada por uma trama comunal de

¹ ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands / La Frontera: The New Mestiza*. 4. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2012 [1987].

relações entre pessoas, territórios, ancestrais e práticas de cuidado. Em seus escritos, a autora afirma que “O trabalho comunal é a energia social que dinamiza a vida em comunidade.”² deslocando a compreensão da terra como propriedade para entendê-la como relação. A terra, nesse contexto, não é paisagem nem recurso: é condição da existência coletiva, memória compartilhada e compromisso entre gerações.

As obras reunidas insistem também sobre os ciclos da existência. Alimentação, caça, crescimento, decomposição e morte aparecem como movimentos inseparáveis de uma mesma continuidade. Ecoa aqui a formulação de Lorena Cabnal, pensadora e ativista indígena xinka propõe compreender corpo e terra como espaços inseparáveis de memória, resistência e produção de vida. “Para as mulheres indígenas, a defesa do território-terra é a própria defesa do território-corpo”³, afirma Cabnal. A frase atravessa a realidade de três artistas indígenas na mostra e ilumina o fato de que paisagem e corporeidade aparecem continuamente implicadas.

Em diversas cosmologias, os seres que voam participam de sistemas complexos de comunicação entre mundos. Os pássaros escrevem no céu através do movimento, produzem inscrições sonoras no vento e desenham coreografias invisíveis sobre a paisagem. Nas esculturas de pássaros cortantes de Mayra Carvalho, nos animais de proteção evocados por Yaka Huni Kuin, nos desenhos coreografados de Julia Gallo, nos seres híbridos criados Anna Livia Monahan e nas cerâmicas anímicas desenvolvidas por Ana V. Lopes e nos gestos de fé presentes na pesquisa de Caio Pacela, o voo aparece como uma linguagem que conecta humanos, animais, rios, elementos e ancestralidades.

As pesquisas reunidas em *Mistério das coisas vivas* aproximam-se das reflexões de Gloria Anzaldúa, Gladys Tzul Tzul e Lorena Cabnal, três referências para o pensamento indígena, feminista e latinoamericano contemporâneo, porque recusam compreender o conhecimento como um exercício de separação. Em vez disso, apresentam modos de saber fundados na relação.

Entre céu, água, fogo e terra, esta exposição propõe uma atenção radical ao mistério. Não ao mistério entendido como aquilo que precisa ser decifrado, mas como aquilo que permanece vivo justamente porque nunca se revela por completo.

Catarina Duncan

² TZUL TZUL, Gladys. *Sistemas de gobierno comunal indígena: Mujeres y tramas de parentesco en Chuimeq'ena'*. Guatemala: Editorial Maya' Wuj / Sociedad Comunitaria de Estudios Estratégicos, 2016.

³ CABNAL, Lorena. *Para las mujeres indígenas, la defensa del territorio tierra es la propia defensa del territorio cuerpo*. Entrevista concedida a Peace Brigades International (PBI Estado Español), maio de 2013.